

Apresentação

Presentation

Abrimos o volume 19 da revista *Conjectura: filosofia e educação*, com um itinerário que inclui o resultado de investigações de temas que entrecruzam a filosofia e a educação.

Juan Ignacio Blanco Ilari nos brinda com o texto “Acción y libertad: la crítica de Ricoeur al reduccionismo”. Nele, Blanco Ilari revisa os argumentos apresentados pela “perspectiva da terceira pessoa” e os argumentos da “perspectiva da primeira pessoa” e o posicionamento de Ricoeur acerca do problema da liberdade. Para Ricoeur, o eixo de análise é a natureza dicotômica dos discursos apresentados pelas diferentes perspectivas sobre a questão.

Cecília Inés Avenatti de Palumbo, em “Por el anonadamiento a la libertad del ‘amor nuevo’: una lectura estético teológica de *El espejo de las almas simples*, de M. Porete”, sustenta que o amor e o nada são duas marcas medievais pelas quais transitaram os espíritos inquietos do século XX e do século XXI em busca de sinais para fundar novos começos de raízes antigas. Em seus últimos escritos, Simone Weil demonstrou a sua admiração pelo caminho de aniquilamento e do amor puro que havia encontrado num “anônimo” da mística francesa do século XIX, *O espelho das almas simples*, cuja autoria se comprovaria tempos depois, pertencia a Margarita Porete, condenada à fogueira em 1310.

O terceiro texto, de Stefano Santasilía e Paolo Calabrò, intitula-se “Lo scandalo dell’unicità e le sue conseguenze: la proposta ontologica di Raimon Panikkar”. Os autores analisam, a partir da afirmação de Panikkar segundo a qual na natureza não existem duas coisas “iguais”, as implicações que tal proposta ontológica pode ter no âmbito dos estudos de Física. A questão da coisa em si, desde sempre gnosiologicamente problemática, perde o seu valor de aporeticidade, uma vez que a atenção seja posta na relacionalidade. Essa se delineia como a única autêntica possibilidade de descrição e reconhecimento das características que definem cada ente preciso na própria especificidade. Só a partir da

relacionalidade será possível compreender o que Panikkar pretende quando fala de limite inferior do pensamento, ou seja, o impensado, e de limite superior, ou seja, o impensável. O sujeito, no entanto, não perde o valor do ponto de vista ético. Pelo contrário, acontece uma valorização evidente da subjetividade não mais reconhecida como autofundada, mas como um nó de relações que implica, por isso, o reconhecimento do valor do *outro* como constitutivo da própria consciência individual. Desse modo, apesar da dessubstancialização do sujeito, continua válida a constituição do sujeito, mas como momento ético que está na base de toda consciência.

O quarto texto, “Antinomias do conceito de autoética, de Edgar Morin, a partir dos pressupostos teóricos do materialismo dialético”, de Ricardo Gauterio Cruz, Rossane Vinhas Bigliardi e Luis Fernando Minasi, explora os limites do conceito de autoética, apresentado por Edgar Morin no volume 6 de sua obra *O Método*. Para tanto, os autores se apoiam nos conceitos fundamentais do materialismo dialético – sobretudo em vista do pensamento de Lukács – de modo a ser possível analisar a proposição teórica de Morin a partir dos fundamentos filosóficos que vêm balizando nossa compreensão de mundo. Considerando o materialismo dialético, os autores compreendem que a ética faz parte de um complexo valorativo produzido na materialidade da vida cotidiana de homens e mulheres, no processo de mediação em que produzem o conteúdo objetivo de sua vida. Assim, a ética não tem uma determinação subjetiva – como aponta Morin – ou mesmo produzida a partir de uma esfera supra-histórica e supra-humana, mas se constitui como uma determinação objetiva.

Em “As várias faces estéticas na formação humana: o fecundo universo da filosofia da educação”, Lúcia Schneider Hardt, Rosana Silva de Moura e Heloiza Helena Barbosa investigam a categoria *estética* no campo da filosofia da educação.

Rocco Carsillo, em “Il fatto educativo”, defende que o academismo trancou a universidade na sua autorreferencialidade. As ciências da educação, se assumissem a concepção de que são instrumentos para serem confiados a mãos competentes, a pessoas autências, poderiam oferecer uma grande contribuição à pessoa-educador como ajuda para o discernimento dos modos e das possibilidades de companhia à pessoa-educando no seu crescimento e no seu caminho para o ideal.

Em “Subjetividade, alteridade e educação: aproximações entre Adorno e Levinas”, Alex Sander da Silva faz anotações sobre questões relacionadas à subjetividade, à alteridade e à educação contemporânea, sobretudo, considerando os desajustes de uma persistente razão instrumental os quais interferem no âmbito educacional. Silva apoia-se em Adorno e Levinas para investigar algumas questões importantes: como situar a educação no horizonte dos nossos problemas contemporâneos? Como pensá-la nesse tempo em que florescem cada vez mais aspectos de barbárie civilizatória do que aspectos de esclarecimento da humanidade?

“O niilismo nietzschiano como mais uma referência analítica para a compreensão do fenômeno do mal-estar docente”, de Yara Magalhães dos Santos e Sérgio Pereira da Silva, discute o mal-estar docente a partir da perspectiva niilista. Nesse texto, os autores analisam inferências e evidências possíveis que relacionem o fenômeno cultural do niilismo ao mal-estar docente, tão em evidência nas instituições públicas de ensino. Em outras palavras, os autores procuram situar o mal-estar docente, em um espaço e tempo de derrocada de valores culturais, dentre outros, e o apresentar como resultado de um mal-estar maior compartilhado pela cultura ocidental em parte do século XX até os dias atuais.

Marcos Carneiro Silva, em “A escola como primado da representação: as contribuições do pensamento de Gilles Deleuze”, questiona o papel da educação em relação às diferenças e da escola em relação ao mundo da representação. Para dar conta dessas questões, o autor se apoia em Gilles Deleuze, dividindo seu texto em três partes: a primeira é uma tentativa de identificar, nos discursos educacionais contemporâneos, as possíveis aproximações com os estudos deleuzeanos; a segunda, um recorte em torno de como o filósofo aborda o tema da diferença e repetição e, em particular, com a apropriação dos conceitos nietzscheanos de eterno retorno e vontade de potência, e a terceira, como o pensamento de Deleuze pode relacionar-se com questões da diferença na escola.

Por fim, Alberto Carlos de Souza e Túlio Alberto Martins de Figueiredo, em “Convento da Penha: um lugar de memória e de história cultural”, relatam e aprofundam a experiência interdisciplinar de discutir entre adolescentes de uma escola pública do Município de Vila Velha/ES o conceito de patrimônio cultural e, a partir desse conceito, reconhecer os bens materiais e imateriais formadores do patrimônio daquele município. O trabalho de campo resultou na criação estética coletiva de uma leitura do Convento da Penha, que foi retratado pela técnica de mosaico em papel.

Completam este número a resenha de Darlan Silvestrin da obra *Trabalho imaterial: formas de vida e produção de subjetividade*, de autoria de Antonio Negri e Maurizio Lazzarato, a resenha de Leandro da Silva Bertencello da obra *O que o dinheiro não compra*, de Michael Sandel, e a resenha de Osvaldo Barreto Oliveira Júnior da obra *Corpos voláteis, corpos perfeitos: estudos sobre estéticas, pedagogias e políticas do pós-humano*, de Edvaldo Souza Couto.

Boa leitura!

Everaldo Cescon
Organizador